

AS ANTÍFONAS DO Ó

Por Jorge Alves Barbosa

“Nos sete dias que precedem a Vigília do Natal, o ordinário do Advento – escrevia Dom Prosper Guéranger – torna-se mais solene: as antífonas dos salmos, para Laudes e outras horas são próprias e aludem expressamente à proximidade da grande vinda. Nas Vésperas, é cantada uma antífona solene, que consiste em uma oração fervorosa ao Messias, a quem se dirige por meio dos títulos que Lhe são atribuídos nas Sagradas Escrituras”.¹ Toda e qualquer preparação de um importante evento na História da Salvação envolve uma componente ascética ou penitencial, marcada pelo exercício e pela disciplina que permitem abrir o coração tornando-o capaz de viver o mistério da Incarnação do Verbo de Deus. Porém, porque se trata aqui do evento do Natal, a experiência de um nascimento, a festa em si, bem como tudo o que decorre à sua volta, encontra-se envolvido pelo sinal da alegria. Uma alegria temperada pela trepidação que normalmente envolve a expectativa de algo que – se espera – exceda todas as expectativas.

1. O Advento na Música Sacra: as *Antífonas do Ó*

O tempo do Advento não é dos mais marcantes com inspirador da produção musical, quer na música destinada à Liturgia quer no repertório nele inspirado. Os temas que melhor definem o tempo da expectativa do Natal e inspiraram os compositores foram sobretudo dois: o *Hino “Veni Redemptor Gentium”*,² de composição antiga, atribuído a Santo Ambrósio de Milão, cantado no Ofício de Vésperas, e o *Cântico “Rorate Corli*

¹ DOM PROSPER GUÉRANGER, *L' Année Liturgique*, Vol. I - Advent. [cfr. <https://www.bibliotheque-monastique.ch/bibliotheque/bibliotheque/gueranger/anneliturgique/avent/059.htm>]. Já no final deste primeiro volume, apresenta as sete Antífonas com tradução e um breve comentário a cada uma.

² Este Hino ambrosiano foi também adoptado pela liturgia luterana como *Coral “Num komm den Heiden Heiland”* com texto de Martinho Lutero e melodia de Johann Walther, que daria origem, entre outras obras, à Cantata BWV 62 de J. S. Bach com o mesmo nome e a diversos Corais para Órgão, nomeadamente o coral ornado BWV 659. Outras versões para órgão de Wilhelm Zachow, Johann Pachelbel, Nikolaus Bruhns, Max Reger (op. 67 n. 29) e, mais recentemente Denis Bedard, *Variations sur le Coral “Num komm den Heiden Heiland”*.

desuper”, de elaboração tardia,³ que se tornou num dos cantos mais populares para a representação desta quadra.⁴ A estes dois cânticos poderíamos acrescentar o *Intróito “Gaudete”*, para o III Domingo do Advento, que haveria de dar o seu nome ao próprio Domingo no calendário litúrgico.⁵ Para além da celebração oficial da liturgia do Advento, a tradição popular foi procurando estabelecer um certo paralelo entre a celebração litúrgica da Páscoa – centro e grande referência de praticamente todas as celebrações do Ano Litúrgico – cuja data decorre do ciclo lunar – e a do Natal, provavelmente desde o séc. IV, fixada a 25 de Dezembro. Uma das formas de concretizar este paralelismo foi a de criar para o Natal uma espécie de Semana Santa, análoga à que antecede a Páscoa. Assim. “da tradição cristã emerge um longa oração, fruto de uma certa ruminação – escreve Giacomo Baroffio – de alguns textos bíblicos que foram iluminando a caminhada da procura de Deus: as chamadas *Antífonas do Ó*, cantadas nos últimos sete dias de Advento, acompanhando o canto do *Magnificat* nas Vésperas. Em Roma e noutras igrejas do sul eram, ao princípio, cantadas o ofício de Laudes, acompanhando o canto do Benedictus. No dia 23 de Dezembro, “vigília da vigília” de Natal, a Igreja conclui a série das Antífonas, na certeza de ter compreendido e acolhido a boa notícia: “Ero cras” [estarei amanhã], promete Jesus Cristo. A celebração do Natal, tal como qualquer festa hebraica, inicia com o pôr-do-sol do dia anterior, portanto, ao pôr-do-sol do dia 24 de Dezembro e não com a Missa da Meia-noite; por isso, o “amanhã” de 23 é já o dia de nascimento de Jesus. Assim nasceu, muito provavelmente, o “septenário”⁶ que vai de

³ O texto retoma o início do *Intróito “Rorate coeli”* para o IV Domingo do Advento, sendo constituído por um Refrão e quatro estrofes de carácter penitencial, onde se encontram reminiscências de textos bíblicos utilizados também noutros textos litúrgicos: a primeira e segunda estrofes retomam textos de Isaías 64 enquanto a terceira apresenta o início do *Livro da Consolação* do mesmo profeta (Is 40, 1-3).

⁴ Este tema foi utilizado na literatura para Órgão por Pietro Alessandro Yon em *Suite para o Advento*, Jeanne Demessieux nos *Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes* e em *Consolamini*, Chris Dubois em *Rorate coeli for Organ*, Anthony Bernard em *Prelude on Rorate Coeli*, Franz Xaver Brix em *Rorate coeli – Adventsmottet for Organ* e F. Mac Cann em *Fourteen Pieces for Organ*. É utilizado por Joseph Haydn na *Missa Brevis “Rorate cleli”* Hob. XX,III, por Franz Liszt na *Oratória “Christus”*, por Max Bruch na obra coral *O Heiland reiss dem Himmel auf*, op. 29 e E. Schneider em *Rorate Coeli* para 2 Sopranos e Órgão, e Robert Peters, *Missa “Rorate coeli”* op. 102, para 2 vi e Órgão.

⁵ A este Intróito poderíamos acrescentar o *Intróito “Rorate coeli”* e o *Ofertório “Ave Maria”* para o IV Domingo do Advento, sobretudo este último, uma das peças mais belas de todo o repertório gregoriano a que foi acrescentado o Versículo que retrata o diálogo entre Maria e o Anjo Gabriel “*Quomodo in me fiet hoc*” (Cfr. *Offertoriale Triplex*, p 13).

⁶ Dá-se o nome de “septenário” ao período de sete dias que antecedem uma celebração importante, analogamente a outros períodos mais conhecidos como “novena”, período de nove dias ou “tríduo” de três dias. “Tríduos, septenários ou novenas podem constituir uma ocasião propícia não só para a realização de exercícios de piedade em honra da Virgem Maria, mas também podem servir para apresentar aos fiéis uma visão adequada do lugar que ocupa no mistério de Cristo e da Igreja, e a função que desempenha” (*Directório sobre a Piedade popular e a Liturgia*, n. 189).

17 a 23 de Dezembro, marcado na Liturgia das Horas pelas *Antífonas do Ó*.⁷ Tal como acontece com a Semana Santa, também esta celebração que se estende por sete dias, tem os seus próprios textos litúrgicos que vão assinalando o adensar da expectativa que antecipa a grande solenidade, numa caminhada que vai até ao momento da celebração do dia de Natal. Os textos bíblicos trazem à memória o passado, iluminam o presente e projetam para o futuro, ao mesmo tempo que constituem uma oportunidade para despertar a expectativa e consciência que levam a viver o tempo presente como um momento de passagem para o cumprimento final.

As *Antífonas do Ó*, mesmo que desconheçamos com exactidão a sua origem, são muito antigas pois já Amalário de Metz, monge teólogo e liturgista do século IX, as conhecia e atribuía a um cantor anónimo do séc. VII, estando certamente em uso já ao tempo do Papa São Gregório Magno, nos inícios do séc. VII. São mencionadas no *Liber Responsalis sive Antiphonarius* como antífonas do Magnificat para os sete dias que precedem a celebração do Natal e constam também nos *Antifonários* romanos e outros livros litúrgicos da Idade Média. As *Antífonas do Ó* são assim designadas porque o seu texto começa pelo vocativo “Ó” seguido de diversas invocações ou títulos atribuídos ao próprio Messias, que se espera venha depressa, e elaboradas a partir de textos retirados da tradição bíblica, nomeadamente a profética, constituindo quase um compêndio de Cristologia com que a Igreja antiga expressa o desejo de salvação, tanto de Israel no Antigo Testamento, como da Igreja no Novo Testamento.

Uma particularidade curiosa revelada pelo conjunto das *Antífonas Ó* é o facto de as iniciais das sete Antífonas formarem um “acróstico” que, lido ao contrário, completa as palavras latinas “ERO CRAS”, que significa “amanhã estarei”, ou seja no dia 24 de Dezembro. Trata-se de uma curiosidade que não poderemos certamente atribuir ao acaso, já que a frase se vai construindo de modo que apenas se percebe o seu sentido pleno a partir da última antífona.

2. Texto e música das *Antífonas do Ó*

A estrutura textual das *Antífonas do Ó* é praticamente a mesma em todas elas, iniciando com o vocativo “Ó” seguido do título dado a Cristo; depois o pronome “qui” ou “quae”, introduz alguns atributos de Cristo, inspirados em textos bíblicos, culminando no verbo imperativo “Veni” (vem) que assinala a súplica pela Sua vinda iminente.

⁷ Relacionada com este período final do Advento, marcado pelas *Antífonas do Ó*, está a invocação mariana de *Nossa Senhora da Expectação*, ou *Nossa Senhora do Ó*, que recorda os últimos dias da gestação do Filho de Deus no seio de Maria sua Mãe, numa relação visual entre a figura da letra “O” e o ventre de Maria. Esta invocação de *Nossa Senhora do Ó* é muito popular em várias regiões, sendo a Padroeira das paróquias: Águas Santas e Gulpilhares (Porto), Aguim (Aveiro), Ançã, Barcouço, Cadima, Paião e Raveles (Coimbra), Carvoeira e Vilar (Lisboa), Lordelo (Viana do Castelo) e Olaia (Santarém). Trinta e duas freguesias a têm como padroeira, sob o título de *Nossa Senhora da Expectação*.

Dia	Texto latino	Versão oficial	Ref.ª bíblica
17 de dezembro	O Sapientia quæ ex ore Altissimi prodisti, attingens a fine usque ad finem, fortiter suaviter disponens omnia: Veni ad docendum nos viam prudentiæ.	Ó Sabedoria do Altíssimo, que tudo governais com firmeza e suavidade: vinde ensinar-nos o caminho da salvação.	Qo 24, 5 Sab 8,1 Is 40, 14
18 de dezembro	O Adonai et Dux domus Israel, qui Moysi in igne flammæ rubi apparuisti et ei in Sina legem dedisti: Veni ad redimendum nos in brachio extento.	Ó [Adonai] Chefe da asa de Israel, que no Sinai destes a Lei a Moisés: vinde resgatar-nos com o poder do vosso braço.	Mt 2, 6 Ex 3, 3 Is 20 Jer 32, 21
19 de dezembro	O Radix Jesse qui stas in signum populorum, super quem continebunt reges os suum, quem gentes deprecabuntur: Veni ad liberandum nos; jam noli tardare.	Ó [Rebento da] Raiz de Jessé, sinal erguido diante dos povos, vinde libertar-nos, não tardeis mais.	Is 11, 10 Is 52, 15 Is 11, 10 Hab 2, 3 Heb 10, 37
20 de dezembro	O Clavis David et sceptrum domus Israel: qui aperis, et nemo claudit; claudis et nemo aperit: Veni, et educ vinctum de domo carceris, sedentem in tenebris et umbra mortis.	Ó Chave da casa de David, que abris e ninguém pode fechar, fechais e ninguém pode abrir: vinde libertar os que vivem nas trevas do cativo e nas sombas da morte.	Ap 3, 7 Is 22,22 Sal 16, 10 Is 42,7 Lc 1, 79
21 de dezembro	O Oriens splendor lucis æternæ, et sol justitiæ Veni et illumina sedentes in tenebris et umbra mortis.	Ó Sol nascente esplendor da luz eterna e sol de justiça: vinde iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte.	Zac 3, 8; Is 9,2; Hab 3,4 Sal 16, 10 Is 42,7 Lc 1, 79
22 de dezembro	O Rex gentium et desideratus earum lapisque angularis, qui facis utraque unum: Veni et salva hominem quem de limo formasti.	Ó Rei das nações Pedra angular da Igreja: vinde salvar o homem que formastes do pó da terra.	Ag 2, 8 Is 28, 16; Sal 117, 22; Ef 2, 14 Gen 2, 7
23 de dezembro	O Emmanuel, Rex et legifer noster, expectatio gentium, et Salvador earum: Veni ad salvandum nos, Domine Deus noster.	Ó Emanuel, nosso rei e legislador, esperança das nações e salvador do mundo: vinde salvar-nos, Senhor nosso Deus.	Is 7, 14; Is 33,22 Gen 49, 10

Os mesmos títulos de Cristo marcam as diferentes estrofes do *Hino “Veni Emmanuel”*, porventura um dos cânticos cuja popularidade se compara ao das Antífonas.⁸



⁸ A tradução portuguesa das Antífonas, que apresentamos aqui, é a que consta nos livros litúrgicos oficiais, da *Liturgia das Horas* e do *Leccionário*; os textos são reduzidos, altera-se o original tratamento de Cristo, traduzindo “veni” por “vinde”, perdendo-se bastante da riqueza da versão latina.




2. Veni Rex gentium
3. Veni o Oriens
4. Veni o Clavis David
5. Veni o Jesse Virgula
6. Veni Adonai
7. Veni o Sapiaentia

A música que reveste as sete *Antifonas do Ó* é constituída por uma melodia cuja estrutura se repete, numa adesão clara aos elementos decorrentes do próprio texto, sendo apenas um pouco alterada na quinta – “*O Oriens*” – cujo texto é um pouco mais curto. Assim, a cada secção do texto aplica-se uma secção melódica: a Invocação inicial é sempre igual com entoação própria do *II Modo Plagal*; a melodia tem como ponto culminante o duplo “*tórculos*” à volta da nota lá; finalmente, a súplica “*Veni*” é assinalada por meio do “*podatus*” com intervalo de quarta, dó-fá, que introduz um elemento melódico derivado da entoação inicial.

Ad Magnific.
ANT. II D



Sa-pi-énti-a, * quæ ex ore Altissimi prodisti, attingens a fine
usque ad finem, fórti-ter su-áviter disponénsque ómni- a: veni ad
docéndum nos vi-am prudénti-æ.

A.			
1	<i>O Sapientia</i>	<i>(quæ) attingens a fine</i>	<i>Veni ad docendum</i>
2	<i>O Adonai</i>	<i>qui Moyses in igne</i>	<i>Veni ad redimendum</i>
3	<i>O Radix</i>	<i>super quem</i>	<i>Veni ad liberandum</i>
4	<i>O Clavis</i>	<i>qui aperis et nemo claudit</i>	<i>Veni et educ vincitum</i>
5	<i>O Oriens</i>	<i>et sol justitiae</i>	<i>(Veni) et umbra mortis</i>
6	<i>O Rex</i>	<i>lapisque angularis</i>	<i>Veni et salva hominem</i>
7	<i>O Emanuel</i>	<i>expectatio gentium</i>	<i>Veni ad salvandum nos</i>

As Antifonas do Ó na liturgia actual

A reforma litúrgica conservou e valorizou o sentido litúrgico assinalado pelas *Antifonas do Ó*, dando a este período preparatório do Natal uma relevância que se alarga à própria celebração da Eucaristia. De facto não só se conservam como Antifonas do Magnificat –

aplicadas ao respectivo dia do mês, mesmo que caia no Domingo – mas são utilizadas também como Versículo na Aclamação ao Evangelho / Aleluia, no mesmo dia.⁹ As *Antifonas do Ó* foram objecto de duas abordagens musicais diferentes. O P. Ferreira dos Santos apresentou a música para as sete Antifonas em versão coral desde o unísono às formações mais alargadas, publicadas em momentos diferentes, no *Boletim de Música Litúrgica*, nn. 93 e 94. Mas tarde o P. António Cartageno propôs uma versão para voz acompanhada que é praticamente decalcada da melodia latina o que, podendo revelar uma referência à tradição musical gregoriana, não deixa de revelar os limites e o carácter discutível da aplicação da melodia gregoriana a um texto em português, resultando um tanto artificial. Para além disso, como se pode ver já na primeira *Antífona “O Sabedoria”*, não respeita a relação estrutural da melodia com o texto o que constitui um notório empobrecimento ao nível expressivo.¹⁰

Dimensão espiritual e litúrgica do Advento [Giacomo Baroffio]¹¹

Estamos em presença de um amplo mosaico cujas peças se unem ao extraordinário depósito da Sagrada Escritura. As *Antifonas do Ó* ajudam-nos a descobrir o sentido da presença da Palavra de Deus na vida da Igreja. São o resultado a que se chegou a partir da realização daquela boa obra um dia proposta por São Bento: “*Escutar atentamente*

⁹ Efectivamente, pelo menos no *Leccionário* português encontramos algumas alterações na ordem das Antifonas bem como a repetição de uma delas para poder abranger também o dia 24 de Dezembro: coloca “Ó Emanuel” no dia 21, “Ó Rei das nações” nos dias 22 e 23 e “Ó Sol nascente” no dia 24. Este procedimento, conscientemente ou não, subverte o sentido e a eficácia do acróstico “*ero cras*”; nada impedirá, porém, que se siga a ordem tradicional e histórica das *Antifonas* que é seguida, isso sim, na versão portuguesa da *Liturgia das Horas*.

¹⁰ Recentemente, realizei, para utilização no canto de Vésperas, uma versão acompanhada das melodias propostas pelo P. Ferreira dos Santos, e depois uma versão para Coro a 4 Vozes mistas e Órgão.

¹¹ GIACOMO BAROFFIO [ass. Bruder Jakob], *Avvento, Antifone O*. Um artigo disponibilizado pelo autor; ignoro se foi publicado por outra via. A tradução e as notas são minhas.

as leituras santas”. *Escutar, não ler*. É importante habituarmo-nos a escutar a Palavra, sempre, de modo a que ela consiga introduzir-nos no íntimo da pessoa.¹² Podemos abordar a Bíblia com diversos objectivos e intenções e com variados instrumentos exegéticos. A história mostra-nos o quanto ela pode incidir na vida das pessoas e das comunidades, transformando-se num poço sem fundo de água regeneradora. Não deixa de ser verdade que o Verbo de Deus, abreviado na carne, sofreu ultrajes e foi mesmo aniquilado por meio de uma morte ignominiosa. A este “destino” não escapa a própria Palavra, muitas vezes manipulada, distorcida, aniquilada. Da proclamação de uma verdade pode resultar um anúncio mentiroso em vez de conforto, pode desencadear desolação e inquietações paralisantes. Não menos grave é o abuso que se faz da Palavra de Deus, utilizando-a como meio de justificação para os mais desvairados e insensatos disparates. E Deus tudo isso permite...

Não obstante, Ele tem uma confiança inabalável no homem. Garante-lhe a liberdade e a responsabilidade de acolher a Palavra como fonte de vida, mas não impede que o próprio homem transforme a Palavra em instrumento e ocasião de morte. Como sair deste impasse? Restituindo à Palavra a liberdade de nos dizer quem Ela é: o Verbo incarnado, abreviado na letra como abreviado foi na frágil carne humana. Restituindo a nós mesmos a capacidade de acolher a Palavra como ela é: não um prontuário de noções, não uma agenda de factos históricos, não um repertório de citações a jeito. Mas simplesmente uma presença extremamente qualificada de Deus na realidade do nosso quotidiano.

As *Antifonas do Ó* são uma possível parcela do caminho espiritual que escala a montanha da Lei de Deus, em direcção à meta da transfiguração. Na luz tabórica os episódios iluminam-se, os extremos do universo unem-se em Cristo, passado e futuro, e concentram-se no presente. A *Sabedoria* proveniente do Altíssimo, percorre com o homem a aventura através das fases da História. O Homem pode encontrar na *Lei de Moisés* o mapa com que se orienta no deserto e na selva da convivência social. Cristo ergue-se como estandarte que infunde esperança em quem consegue contemplá-lo, deixando para trás o ruído e a confusão de tantas vozes sufocantes. Com *firmeza e suavidade*, é Ele que sempre nos abre passagem, fazendo-nos superar os obstáculos, quebrando os selos e cadeados, desobstruindo os caminhos que conduzem ao abismo. Prisioneiros abandonados nas *trevas e sombras da morte*, vislumbramos finalmente o clarão de uma nova aurora: o dia em que se afirma a *justiça*, o momento em que a paz inunda os corações. Ao mesmo tempo que se estilhaça o edifício social perante os abalos telúricos da mentira violenta e da prepotência desonesta, é-nos concedido reconstruir tudo a partir do princípio. Cristo é a *pedra angular* da cidade de Deus que é a única cidade onde o homem consegue ser completamente ele mesmo. E o círculo dos

¹² Já os Profetas pronunciavam os seus oráculos antes de serem escritos e a Palavra de Deus ressoa como “*Shema Israel*” [Escuta Israel] em Deut 6, 4-9. São Paulo escreve que “a fé vem do que se escuta” (Rom 10, 17-18) e o teólogo Karl Rahner definia o homem crente como um “*Horer des Wortes*” [ouvinte da Palavra]. É esta perspectiva de escuta que a Liturgia propõe ao nos colocar em presença da Palavra proclamada e não distribuindo os textos para que cada um os leia.

acontecimentos encerra-se com numa coroa. Não a coroa férrea dos condenados ou dos reis, muito menos a coroa de espinhos de Cristo. Ele no-la restitui renovando-a, investindo-nos com a sua dignidade e glória de filhos de Deus. O *Emanuel* é o “Deus conosco”, íntimo a nós mesmos muito mais do que possamos sê-lo nós próprios. O seu espírito vivifica a nossa carne. Cristo nasce no coração de cada um e afirma-se na existência quotidiana. O Menino de Belém cresce, movimenta-se e fala, constrói e renova o universo, através de todos quantos o acolheram e, com ele, renascem para uma nova vida. Em cada Natal. Todos os dias. Não é fácil. Mais do que palavras, é a nossa debilidade que se torna incessante invocação, não se cansando de repetir com as *Antífonas do Ó*: “Vem, Senhor Jesus!” Vem ensinar-nos, vem ensinar-nos a nos libertarmos, a nos salvarmos. “Maranatah”: O senhor veio. O Senhor vem. Não nos abandona. Ele é o Emanuel.

Meadela, 30 de Abril de 2024.

Jorge Alves Barbosa